



Os restos dos barracos desmontados foram queimados

Há oito anos, remoção gigante

Em um domingo de frio de agosto de 1987, centenas de policiais e funcionários da Secretaria de Serviços Sociais acordaram bem cedo para expulsar da SQN 110 cerca de 2 mil pessoas, espalhadas por 400 barracos montados no matagal que cobria as projeções dos futuros edifícios, de propriedade da Universidade de Brasília. A operação, inédita no DF em termos de contingente, foi ordenada pelo então governador José Aparecido e executada pelos secretários de Serviço Social, Adolfo Lopes, e de Segurança pública, coronel João Brochado.

Na época, o reitor da UnB, professor Cristovam Buarque, declarou aos jornais que a universidade necessitava a curto prazo dos terrenos, para com o dinheiro da venda custear a construção de blocos de apartamentos na Colina, destinados a professores. A pressão da UnB, somada ao interesse das empresas de construção civil (que lançavam diversos empreendimentos nas vizinhas SQN 309 e SQN 310), foi decisiva para que o governo

agisse com rigor contra os favelados.

Adolfo Lopes, idealizador do programa "Retorno com Dignidade", ofereceu aos favelados a transferência dos barracos para Brasilinha (GO), a 70 quilômetros do Plano Piloto, onde a líder comunitária Maria do Barro (mais tarde, secretária) desenvolvia um projeto para famílias carentes. A presidente da Associação dos Moradores da 110 Norte, Maria da Cruz, chegou a apelar para que "o reitor converse com o governador e dê um jeito para que a gente não seja removida para tão longe".

Cristovam Buarque delegou ao prefeito do campus a tarefa de negociar com os invasores, sempre ressaltando que não pediu a ação da polícia para retirá-los do local. Mas também lembrava que a UnB precisava do dinheiro da venda das projeções para saldar seus compromissos. À época, a universidade viveu sérios problemas financeiros e chegou a atrasar vários meses o pagamento das contas de água e luz.